

*Mergulhando no tempo: as metáforas temporais na fraseologia  
portuguesa e na poesia do Chico Buarque*

*Antonio Pamies-Bertrán*

UNIVERSIDADE DE GRANADA

*Rosemeire Monteiro-Plantin*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**R**esumo: Segundo a teoria cognitivista da metáfora, concebemos o TEMPO em termos de ESPAÇO, princípio testemunhado pela recorrência desta metáfora em muitas línguas do mundo, entre elas o português. Existem nas línguas vários macro-modelos cognitivos espaço-temporais, dos quais pelo menos cinco têm manifestações em português, testemunhados nas metáforas gramaticais das perífrases, da fraseologia e do léxico figurado. A competência discursiva pessoal dos escritores, aproveitando e misturando essas possibilidades, pode criar um efeito multiplicador, como podemos constatar na obra literária do poeta, romancista, compositor, cantor e dramaturgo brasileiro Chico Buarque de Holanda.

**Palavras-chave:** metáfora gramatical; língua portuguesa, linguística cognitiva; fraseologia brasileira Chico Buarque; MPB.

**Abstract:** According to the Cognitive Theory of Metaphor, we conceive TIME in terms of SPACE, a principle witnessed by the recurrence of this metaphor in many languages of the world, including Portuguese. Several cognitive space-to-time mappings are displayed by natural languages, and, at least, five of them are witnessed in Portuguese by the grammatical metaphors of the periphrases, of the idioms and the figurative lexical units. The personal discursive compe-

tence of the writers, taking advantage of these possibilities, can create a multiplying effect by mixing them, as we can see in the work of the Brazilian poet, romancist, composer, singer and dramaturge Chico Buarque de Holanda.

### 1. Introdução

→ Como afirmam Sweetser & Gaby, uma das observações mais antigas nos estudos sobre a metáfora é que, desde uma perspectiva interlinguística, a única fonte primária histórica para o vocabulário temporal é o vocabulário espacial, e nunca inversamente (2017: 626) De acordo com Fauconnier & Turner (2008), a metáfora espaço-temporal, profundamente enraizada no pensamento e na linguagem, seria um universal semântico. Como entidade física, apenas o presente pode ser vivenciado diretamente, enquanto o passado só é acessível através da memória, e o futuro através da imaginação (Lakoff 1993: 218). A impossibilidade de acessar ao tempo pela experiência direta leva a uma conceitualização do tempo organizada por analogia com o espaço (cf. Clark 1973; Scott 1989; Dahl 1995; Haspelmath 1997; Yu Ning 1998; 2012; Gentner et al. 2002; 2006; Fauconnier & Turner 2008; Radden 2011; Mellado 2011; Brown 2012; Sinha & Bernárdez 2015; Krohn 2018; Pamies 2019; Pamies & Wang 2020).

Toda metáfora resulta do mapeamento assimétrico de um domínio fonte conceitual para um domínio alvo; no caso do TEMPO, vários domínios conceituais estariam teoricamente disponíveis, entre os quais tem um claro destaque a metáfora espaço-temporal, que seria uma subclasse da chamada *metáfora orientacional* (Lakoff & Johnson 1980; 1999), cuja mecânica interna estaria por sua vez condicionada pelas limitações cognitivas e psicomotoras que estruturam a nossa experiência (Johnson 1987).

→ Nas línguas europeias, o TEMPO costuma ser concebido metaforicamente como um ESPAÇO “ocupado” pelos eventos, como atestam as expressões idiomáticas coincidentes pt. *ter lugar*; fr. *avoir lieu*; sp. *tener lugar*; it. *aver luogo*; eng. *take place*, alm. *stattfinden*, rs. *иметь место...* no sentido de ‘acontecer’. Paradoxalmente, a ausência do TEMPO é vista como a sua máxima essência, por isso, em russo, o presente é chamado de “tempo verdadeiro” (*настоящее время*), e, na atual gíria informática, a locução *em tempo real* designa a ausência de defasamento, como se a “realidade do tempo” fosse ele não existir.

→ Isto não significa que todas as metáforas temporais tenham uma origem espacial, existem também outros modelos, p.ex., onde o domínio fonte é a posse (O TEMPO PERTENCE À GENTE), arquimetafora que conceptualiza o tempo como um objeto valioso, que se pode ganhar, perder, pedir, conseguir, ter, aproveitar, gastar, investir, poupar, economizar, administrar, desperdiçar, recuperar, dar, emprestar e até roubar:

→ - *tempo é dinheiro /quanta perda de tempo! / dá um tempo? /gasta-se um tempo enorme /posso roubar um minuto do seu tempo?* (M. Persona)<sup>1</sup>

1 Persona, M. “Crônicas de negócios” <https://www.mariopersona.com.br/umminuto.html> (Acesso

- *por economia de tempo e dinheiro, empresário troca carro por bicicleta* (O Popular)<sup>2</sup>

- *you está desperdiçando o tempo de todo o mundo, incluindo o seu próprio* (gualber.wordpress)<sup>3</sup>.

→ Esse tempo possuído tem uma variante invertida (A GENTE PERTENCE AO TEMPO)

- *eu sou de um tempo em que as pessoas tinham vergonha de se expor desse jeito* (extra.globo.com)<sup>4</sup>

- *eu sou de uma época em que, se a gente se manifestasse, acabava na cadeia* (Dilma Rousseff)<sup>5</sup>

- *nos meus tempos tinha sete times só na capital: River, Flamengo, Piauí, Auto, Esporte, Rio Negro, Fluminense e Artístico* (Portal O Dia)<sup>6</sup>.

→ Outras vezes o tempo é conceptualizado como uma força incontrolável e onipotente (O TEMPO É UM DEMIURGO), capaz de destruir, trocar, ou subverter qualquer estado de coisas, concretas ou abstratas. Aparece sobretudo na língua literária, nas formas de *personificação* (Pianta 2018: 129-133), que incluiriam o modelo TIME IS A CHANGER (cf. Lakoff & Turner 1989: 40). Um exemplo português bem conhecido seria o soneto LVII do Camões:

→ *O tempo cobre o chão de verde manto,*

04/12/2020).

2 *O Popular* [3/12/2020] <https://www.opopular.com.br/> (Acesso 04/12/2020).

3 Jay Conrad Levinson: “O processo de marketing” [10/03/2008] <https://gualber.wordpress.com/page/10/> (Acesso 04/12/2020).

4 Teresa Cristina, entrevistada por Joao Aruda [30/11/2020] <https://extra.globo.com/> (Acesso 04/12/2020).

5 Entrevistada por Caroline Santos [09/03/2015], <https://www.metroworldnews.com.br> (Acesso 04/12/2020).

6 *Portal o Dia* [29/05/2019] <https://www.portalodia.com/blogs/garrincha/ou-seis-ou-meia-duzia-365458.html> (Acesso 05/12/2020).

Que já coberto foi de neve fria,  
 E em mim converte em choro o doce canto  
 E, afora este mudar de cada dia,  
 Outra mudança faz de mor espanto,  
 Que não se muda já como soia<sup>7</sup>

→ Esse modelo está na base de uma longa tradição poética conhecida como *carpe diem*<sup>8</sup>, que muitos poetas europeus plasmaram em imagens verbais onde o tempo é o destrutor implacável da beleza e da felicidade (*do bem ficam as mágoas na lembrança / e do bem, se algum houve, as saudades* [Ibid.]), e do qual só podemos nos defender aproveitando bem os fugazes prazeres da vida. Outras metáforas temporais não espaciais pertencem ao modelo que Piata chama *TIME IS A BURDEN* ('o tempo é um fardo') (2018: 138-142), e que corresponderia em português a exemplos como:

- - *Sinto que o peso dos anos me invade* (Candeia / Walter Rosa)<sup>9</sup>
- *Os anos me pesam* (Extra Globo)<sup>10</sup>
- *Nisto entrou um velho (...) já um tanto dobrado pelos anos* (Monteiro Lobato)<sup>11</sup>.

7 *Mudam-se os tempos...* "Sonetos, LVII". In: Camões, Luis Vaz de (1595) *Obras de Luís Vaz de Camões, Príncipe dos poetas de Hespanha*. 2ª edição [1779-1780]. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira: vol. II, p. 53.

8 \*Colha o dia ('desfrute do momento presente'), em honor a um poema de Horácio.

9 Candeia: "Peso dos Anos" 1998 CD *Eterna Chama* (<https://www.cifraclub.com.br/candeia/1504357/letra/>). Originalmente composta para Elizete Cardoso (<https://www.youtube.com/watch?v=JEZjUI5CL7w>) (Acesso 05/12/2020).

10 Mônica Raouf El Bayeh: *Extra Globo* [15/03/17] <https://extra.globo.com/mulher/um-dedo-de-prosa/sou-reforma-da-previdencia-mas-pode-me-chamar-de-escravidao-21062298.html> (Acesso 05/12/2020).

11 Monteiro Lobato, José Bento [1926] *O presidente negro* (reed. LeBooks <https://www.tagusbooks.com/leer?isbn=9788583862635&li=1&idsource=3001>).

## 2. As arquetípos espaciais do tempo

→ O mapeamento que Lakoff & Johnson (1980) chamam *the time is space metaphor*, ou *spatialization of time* (Galton 2010: 703), manifesta-se em pelo menos sete modelos psicolinguísticos, atestados no léxico e a gramática das línguas de diversas famílias (Pamies & Wang 2020).

2.1. O modelo **MOVING TIME** é um padrão figurativo em que o tempo se desloca horizontalmente, enquanto o ego de referência fica estático. Nele, o PASSADO ESTÁ ATRÁS E O FUTURO ESTÁ DIANTE, se aproximando ao protagonista (cf. Clark 1973; Lakoff & Turner 1989; Haspelmath 1997; Evans 2007: 751; Fauconnier & Turner 2008; Radden 2011). P.ex. pt. *o prazo já passou* vs. *o prazo se está aproximando*.

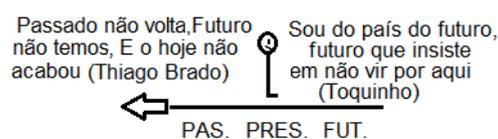


Fig.1. Esquema do 'MOVING TIME' em português.

→ Nesse sentido, muitos exemplos lexicalizados do português são quase idênticos aos do espanhol e do francês (Pamies 2019).

- a semana que vem	- a minha juventude já vai longe
- a semana passada	
- o Carnaval chegou	- quando a velhice chegar
- o verão está batendo na porta	- o tempo corre
- a minha juventude já passou	- o tempo passa
	- esperar um filho

2.2 O modelo **MOVING EGO** representa o tempo como uma linha estática, onde o ego de referência move-se horizontalmente ao longo des-

ta linha. Nele, o PASSADO ESTÁ ATRÁS E O FUTURO ESTÁ DIANTE (cf. Clark 1973; Lyons 1977; Lakoff & Turner 1989; Haspelmath 1997; Lakoff & Johnson 1999; Evans 2007; Bender & Beller 2014). Os protagonistas avançam, se afastando do passado (*um tempo que ficou atrás*) para se aproximarem ao futuro (*eu vou me aposentar*).

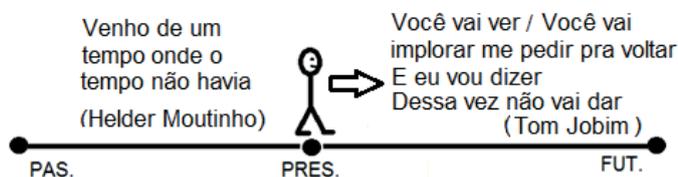


Fig.2. Esquema do 'MOVING EGO' em português.

→ Aqui também, os exemplos portugueses lexicalizados são muito similares aos do espanhol e do francês (Pamies 2019):

-vinte anos atrás	- fugir do passado
- o relógio atrasa	- entrar numa nova era
- o relógio adianta	- chegar a velho
- dar as costas ao passado	- alcançar a velhice
- deixar o passado atrás	- não chegar ao fim do mês
- vou me aposentar	- o tempo nos empurra

→ Os dirigentes políticos de todas as ideologias falam muito de "caminhar para o futuro", como se fosse uma ação concreta e verificável. Toda a retórica do "progresso" está baseada na interiorização dessa associação de ideias, que se inscreve dentro da arquimetáfora que Lakoff e Johnson (1999) chamam A VIDA É UMA VIAGEM, também subjacente em imagens realmente criativas, como no início do *Inferno* de Dante: *Nel mezzo del cammin di nostra vita / mi ritrovai per*

*una selva oscura*<sup>12</sup>. Muitas variantes discursivas, mesmo se originais, estão obviamente baseadas nesse modelo:

- *cum respicias inmensi temporis omne praeteritum spatium*: 'quando você olha para atrás para todo o incomensurável tempo pretérito' (Lucrecio, apud. Short 2016: 390-392).

→ Outras metáforas baseadas nesta imagem seriam os lugares comuns literários de 'viajar no tempo' / 'uma viagem no tempo' (Piata 2018: 51-54), porque, embora não expressem a direção do movimento, é o ego quem se move, e com o passado atrás. P.ex.,

*Viajando no tempo /algumas passagens /trazem-me saudade, /este sentimento /leva-me ao passado / com velocidade.* (Vanoci Marques)<sup>13</sup>

**2.3 O modelo TEMPO SEQUENCIAL** é um mapeamento não dêitico, porque não "localiza" os eventos com referência ao momento do ato de fala, mas cria sequências temporais relativas de SIMULTANEIDADE, ANTERIORIDADE OU POSTERIORIDADE, objetivas e independentes do "agora" dos falantes e ouvintes (Radden 2011; Moore 2011). Esse tipo de representação não precisa do momento da enunciação como ponto de referência para estabelecer relações sequenciais intrínsecas (Kranjec 2006: 449). O léxico das línguas contém palavras especializadas para ordenar cronologicamente os eventos (*anterior, prévio, posterior, precedente, seguinte, primeiro, derradeiro, adiantado, atrasado* etc.), e nem todas são metáforas espa-

<sup>12</sup> Dante Alighieri: "Inferno", *Commedia*, [1307] Reedição on-line do Projeto Gutenberg, disponível em <https://www.gutenberg.org/files/1012/1012-h/1012-h.htm>.

<sup>13</sup> *Viajando no tempo* (<https://www.cifraclub.com.br/vanoci-marques/1966603/letra/>) (Acesso 30/11/2020).

ciais, podem ser literais (*simultâneo, começo, final, repetição, previsão, véspera*)<sup>14</sup>.

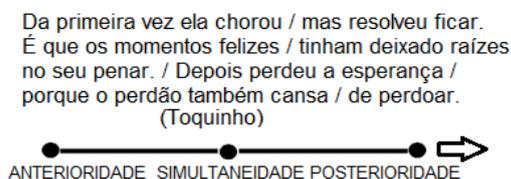


Fig.3. Advérbios e tempos verbais marcando a cronologia sequencial entre vários eventos

**2.4 O modelo TEMPO REGRESSIVO** é semelhante ao *moving time*, porque nele, o ego também é estático, e é o tempo quem se move, só que na direção contrária, portanto o PASSADO ESTÁ ATRÁS E O FUTURO ESTÁ DIANTE. Também é semelhante ao *moving ego*, onde o futuro está também na frente, mas aqui são os eventos os que estão avançando para o ego de referência, que fica passivo. Esse modelo é muito produtivo em línguas ameríndias (Núñez & Sweetser 2006, Bourdin 2014; Gaby & Sweetser 2017), no chinês (Yu 2012, Chen 2017), e também existe, mas de forma muito menos produtiva, nas línguas românicas (Pamies 2019; Pamies & Wang 2020) e em inglês. P.ex., *the wedding was brought forward* (Feist & Duffy 2020) / *looking back to the past* (Galton 2010: 701). Existem uns poucos exemplos em português, como *olhar para atrás* ('pensar no passado' / 'lembrar').

- *Japão tem dificuldades para enfrentar o passado* (Opinião e Notícia)<sup>15</sup>
- *ficaram famosos e deixaram o clube sem olhar para atrás* (Bate Papo Fluminense RJ)<sup>16</sup>.

14 Contrariamente aos dêiticos, como *amanhã*, que um dia depois já será "hoje" e dois dias depois será "ontem".

15 <http://opiniaoenoticia.com.br/internacional/japao-tem-dificuldades-para-enfrentar-o-passado> (Acesso 13/07/2020).

16 <https://www.batepapofluminenserj.com/2020/01/>

É na etimologia onde temos testemunhas sistêmicas deste padrão. Os termos *antes* e *depois* ordenam o tempo por meio de uma analogia com o corpo humano, na qual o ego está "de frente" ao passado e "de costas" ao futuro (pt. *antes* < lat. *ante* 'diante' vs. pt. *depois* < lat. *post* 'atrás').

**2.5. O modelo MIRROR TIME** é uma metáfora espaço-temporal que Radden (2011) chama *both-sided perspective*, citando como exemplo alguns itens lexicais franceses e italianos, onde o mesmo significado espacial é projetado simetricamente sobre o eixo do tempo em duas direções opostas. P.ex. fr. *arrière grand-père* (\*atrás grande-pai) 'bisavô' vs. *arrière petit-fils* (\*atrás pequeno-filho) 'bisneto'; it. *domani l'altro* (\*amanhã o outro) 'após de amanhã' vs. *l'altro ieri* (\*o outro ontem) 'anteontem'. Esse mecanismo está presente numa conjugação analíticas do catalão (Pamies 2019) e certas perífrases temporais do chinês (Pamies & Wang 2020) mas não está lexicalizado em português (nem em espanhol).

**2.6. O modelo VERTICAL TIME**, organiza o tempo verticalmente em vez de horizontalmente. Tem sido proposto para descrever algumas construções de línguas ameríndias (Faller & Cuéllar 2009; Brown 2012; Yu 2012) assim como do chinês (Scott 1989; Radden 2011; Chen 2014; Pamies & Wang 2020). Neste padrão cognitivo, o tempo é linear e não dêitico: os eventos localizam-se uns aos outros. No que diz respeito à direção do movimento, tem duas variantes: A POSTERIORIDADE ESTÁ ACIMA E A ANTERIORIDADE ESTÁ EM BAIXO, como em quíchua, ou, pelo contrário, A ANTERIORIDADE ESTÁ ACIMA E A POSTERIORIDADE ESTÁ EM BAIXO, como em chinês. P.ex., *shàng xīng-qī* (\*superior semana) 'a semana passada' vs. *xià xīngqī* (\*inferior semana) 'a semana próxima'.

[yony-e-anunciado-no-benfica-estou-muito.html](http://yony-e-anunciado-no-benfica-estou-muito.html) (Acesso 20/10/2020).

→ Este padrão, não-dêitico, também era muito produtivo em latim clássico (Short 2016), e deixou alguma herança nas línguas românicas (Pamies 2019). Em latim, *supra* (\*acima) significava também ‘antes’, e *infra* (\*sob) significava também ‘depois’:

-*quid superiore nocte egeris* [\*o que na superior noite fizeste]: ‘o que você fez na noite anterior’ (Cícero, apud. Short 2016: 386);

-*militēs superioribus proeliis exercitati* [\*soldados em superiores batalhas treinados]: ‘soldados treinados em batalhas anteriores’ (César, apud. Short 2016: 386).

-*Ciceronis temporibus paulumque infra* ‘nos tempos do Cícero e um pouco mais tarde’ (Quintiliano, apud. Short: 386-387).

→ Isto também explica a evolução semântica temporal de expressões portuguesas como *ascendente* (‘antepassado’), *descendente* (‘sucessor’), *naquela altura* (‘naquele momento’); *se remontar ao passado*, *o homem descende do macaco*, etc.



Fig.4. Esquema do tempo vertical em português

→ Outras reminiscências deste valor etimológico em português seriam expressões tais como

-*desde 2011, o feriado de Natal não cai em um domingo* (JCNet.com.br)<sup>17</sup>

<sup>17</sup> JCNet [24/12/2016] <https://www.jcnet.com.br/>

- *a noite caiu sem que se percebesse* (Oto Lara Resende)<sup>18</sup>

- *o barquinho vai / a tardinha cai* (Roberto Menescal & Ronaldo Bôscoli)<sup>19</sup>

**2.7. O modelo circular** (também chamado *tempo cíclico*). Alguns psicolinguistas acreditam que nenhuma língua representa o tempo com movimentos à esquerda e/ou direita, e que a lateralidade só se manifestaria na comunicação gestual, ou, pelo fato de que orientação dos sistemas de escrita influiria na estruturação perceptiva do tempo, motivando diferenças nas respostas aos testes experimentais entre os entrevistados ingleses e os entrevistados hebraicos Este último argumento é duvidosamente relevante, pois a escrita é um código arbitrário independente das línguas (e só existe para uma pequena minoria delas): *um sistema de escrita poderia emergir com uma ou outra direcionalidade como consequência de concepções de tempo específicas da cultura - e não o contrário* (Gijssels & Cassanto 2017: 662)<sup>20</sup>. Mas, sobretudo, a crença na unidirecionalidade do movimento temporal, a chamada “frecha do tempo” (*time arrow; sagittal time*), considerada como um universal semântico (Clark 1973) contradiz a realidade empiricamente observável. O fato é que algumas línguas, entre elas o português, deixam o tempo *virar*, transformando sua “seta” em “boomerang”:

*Se sabe que muda o tempo*

*Se sabe que o mundo vira*

[noticias/geral/2016/12/488977-desde-2011--o-feriado-de-natal-nao-cai-em-um-domingo.html](https://www.gazetaonline.com.br/noticias/geral/2016/12/488977-desde-2011--o-feriado-de-natal-nao-cai-em-um-domingo.html) (Acesso 05/12/2020).

<sup>18</sup> Oto Lara Resende O Elo partido. In: Ítalo Moriconi (dir.) (2009) *Os cem melhores contos brasileiros*. Objetiva (<http://www.litterarius.com.br/>) (Acesso 05/12/2020).

<sup>19</sup> Roberto Menescal & Ronaldo Bôscoli: *O Barquinho* 1960. <https://www.youtube.com/watch?v=AlfsCETwGX4> (Acesso 05/12/2020).

<sup>20</sup> Tradução dos autores.

*Aí o tempo virou.* (Dorival Caymmi)<sup>21</sup>

→ Um modelo metafórico de *tempo circular* tem sido descrito em várias línguas ameríndias (Klein 1981; Le Guen 2014), no espanhol e no chinês (Pamies & Wang 2020). Segundo Rad-den (2011) e Bourdin (2014), este padrão estaria relacionado com a percepção visual: só o nosso presente é *visível*, enquanto o passado se torna cada vez mais *opaco*, se aproximando progressivamente do futuro remoto, invisível por definição, mas se torna novamente visível porque a roda continua a girar, aproximando esse futuro do nosso presente. Essa “volta” pode mesmo interagir com a direção contrária na mesma frase, como nesse exemplo cubano: *el tiempo pasa, nos vamos volviendo viejos* (Pablo Milanés)<sup>22</sup>. A direção progressiva do tempo que “passa” contradiz, no domínio fonte literal, a orientação regressiva do ego que “vai voltando”.

→ Em português, seria o caso das perífrases verbais com *voltar*, *virar* e *se tornar* quando significam mudança ou transformação, como partes de um imaginário movimento contínuo. Desse jeito, o português possui um sistema de perífrases temporais que organizam a cronologia *girando* até completar um círculo ininterrompido, com verbos auxiliares cujo sentido literal é espacial: quer progressivo (*vai fazer / segue fazendo*), estático (*está a fazer / está fazendo*) ou regressivo (*volta a fazer*), que podem se combinar entre eles (*vai voltar a fazer / vai estar fazendo / está voltando a fazer / vai ir fazendo / vai seguir fazendo*).

21 *Milagre* (discos Polygram, 1980).

22 *El tiempo pasa*, [https://www.albumcancionyletra.com/el-tiempo-pasa\\_de\\_pablo-milanes\\_\\_\\_235462.aspx](https://www.albumcancionyletra.com/el-tiempo-pasa_de_pablo-milanes___235462.aspx) (Acesso 04/12/2020).

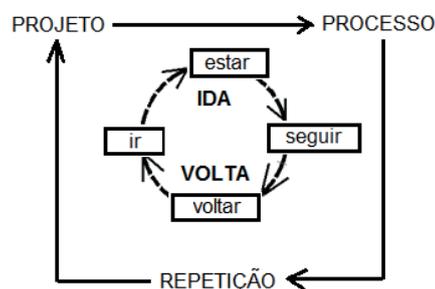


Fig.5. Esquema do tempo circular em português.

→ Adaptado da representação de Pamies & Wang (2020) para o espanhol.

- *Vou encher a cara até o amanhecer*<sup>23</sup>.
- *Sigo querendo tudo contigo*<sup>24</sup>.
- *A atriz revela também que, após a novela, quer voltar a fazer teatro*<sup>25</sup>
- *Virou evangélico e até colocou “irmãos” no seu gabinete*<sup>26</sup>.
- *O jogo se tornou maluco no segundo tempo*<sup>27</sup>.

→ Além desses modelos “antropocêntricos”, parece que, em algumas línguas de México e de Papua Nova Guiné, também existiria um modelo “geocêntrico”, cuja base de referência seria a paisagem. P.ex., opondo as dimensões ‘rio acima’ e ‘rio abaixo’ ou ‘morro acima’ e ‘morro abaixo’, para representar topograficamente o passado e o futuro (Gaby & Sweetser 2017 644-645), mas podemos considerá-las como uma variante do *tempo vertical*.

23 Henrique e Juliano (*To voltando pra farra*).

24 Vinícius Cantuaria (*Amor brasileiro*).

25 *Jornale* <http://jornale.com.br/ruy/?m=200912> (Acesso 13/07/2020).

26 *Clicnews* [http://amplavisao.clicnews.com.br/view\\_usuarios.htm?id=119637](http://amplavisao.clicnews.com.br/view_usuarios.htm?id=119637) (Acesso 13/07/2020)

27 *Folha de Londrina* [31/03/2014] (Acesso 20/11/2020).

### 3. A metáfora temporal na poética do Chico Buarque

→ Para a maioria dos leitores nem seria necessário apresentar o poeta, compositor, cantor, dramaturgo, romancista e cineasta Francisco “Chico” Buarque de Holanda, pois a sua popularidade nos países da lusofonia não faz dúvida nenhuma. Escolhemos a sua obra porque, além de bem representativa da cultura brasileira moderna, chama-nos atenção a a originalidade e a complexidade da sua percepção poética do tempo. Autor de sete livros e de mais de 450 canções, Chico Buarque apresenta um panorama completo da história e cultura brasileira, além de abordar questões existenciais e sentimentos universais. Na literatura de Chico Buarque há cinco peças de teatro e seis romances, sendo as peças: *Roda Viva* (1967), *Calabar* (1972), *Gota d’Água* (1975), *Os Saltimbancos* (1977) e *Ópera do Malandro* (1978), entre os romances temos: *Estorvo* (1992), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado* (2009), *O irmão alemão* (2014) e *Essa Gente* (2019), publicou também um livro de literatura infantil, *Chapeuzinho Amarelo* (1979) e algumas de suas composições musicais foram feitas especialmente para peças teatrais de outros autores.

→ Chico Buarque, ao tratar dos temas mais diversos, maneja o tempo com maestria. Em sua obra, confere ao tempo um tratamento tão especial que chega a fazê-lo protagonista, ou personagem central, como acontece, por exemplo, em seu romance “*Leite Derramado*” cujo título é apenas uma das metáforas utilizadas por ele pra falar do tempo, uma alusão ao fraseologismo “*Não adianta chorar o leite derramado*”, que explicita a inexorável evidência de que o passado não volta e que devemos fazer o que tem de ser feito no tempo exato, porque depois será tarde demais.

Apenas para ilustrar, neste mesmo romance passagens em que tempo e memória se identificam ambigualmente:

*Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas de faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais a reminiscências dessa gente toda até o tempo de Napoleão (p. 14).*

É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram, acabo de lembrar que Matilde vai sumir *para sempre* (p. 17).

*... naquele tempo a gente era veloz e o tempo se arrastava (p.19).*

*A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode ninguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor da minha memória na ordem dela, cronológica, ou alfabética, ou por assunto (p. 41).*

*São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora (p. 139).*

*...espremer minhas memórias até o bagaço (p.185).*

→ Para efeitos de análise, neste trabalho, tentaremos ilustrar as peripécias temporais de Chico Buarque tendo como exemplo apenas as letras de suas canções, em cujos títulos já encontramos vinte e três canções com referência direta ou indireta ao tempo, e que contêm no seu interior muitas amostras dos diferentes modelos de conceptualização espacial do tempo tratados acima, pois o poeta faz um uso pessoal de repre-

sentenças mentais coletivas mesmo que a língua as tenha interiorizado.

### 3.1. O tempo da língua

→ No modelo MOVING TIME, o tempo se move desde o futuro, aproximando-se do eu lírico até se encontrar com ele e ultrapassá-lo:

*Pedro pedreiro pensamento esperando o trem (...)*  
*Esperando aumento desde o ano **passado** para o mês que **vem***  
*Assim pensando o tempo **passa** e a gente vai **ficando** prá **tras** (Pedro pedreiro)*

*O tempo **passou** na janela e só Carolina não viu (Carolina)*

*O tempo **passava** sereno*  
*E sem reclamação*  
*Tu nem reparava, moreno*  
*Na tua maldição (Se eu fosse o teu patrão)*  
*Tô me guardando pra quando o carnaval **chegar** (Quando o carnaval chegar)*

→ Enquanto no modelo MOVING EGO, o tempo fica parado e quem se move é apenas o protagonista ou eu lírico, tal como ocorre nas formas convencionalizadas pela língua:

*E pela paz derradeira que enfim **vai** nos redimir*  
*Deus **lhe** pague (Deus **lhe** pague)*  
*Você **vai** me seguir aonde quer que eu vá*  
*Você **vai** me servir, você **vai** se curvar*  
*Você **vai** resistir, mas **vai** se acostumar (Você vai me seguir)*  
*Eu não sei bem o que seja*  
*Mas sei que seja o que será*  
*O que será que será que se veja*  
***Vai** passar por lá (Linha de montagem)*

→ Mas esses dois modelos antagonistas também podem se juntar, criando imagens originais onde o movimento literal no espaço se confunde com a projeção metafórica do tempo:

*Abre a porta pra noite **passar** (Imagina)*  
*Nos teus olhos também posso ver*  
*As vitrines **te vendo** **passar***  
*Na galeria, cada clarão*  
*É como **um dia depois de outro dia** (As vitrines)*

→ O poeta também junta os dois modelos opostos na mesma frase, numa contraditória mistura na qual ambos o tempo e o ego se movem, e na mesma direção. O uso de *vir* para ações futuras, ou de *ir* para ações presentes, é uma inversão do movimento que também produz um oxímoro temporal entre metáforas temporais contraditórias:

***Corro atrás** do tempo*  
***Vim** de não sei onde*  
*Devagar é que não se **vai** longe (Bom conselho)*

*Eles **vão** com uma fome de **anteontem** (Feijoada Completa)*

*Olhos nos olhos, quero ver o que você faz*  
*Ao sentir que sem você eu passo bem demais*  
*E que **venho** até remoçando (Olhos nos olhos)*

→ No modelo TEMPO SEQUENCIAL (o mais abundante) os eventos se sucedem numa cronologia relativa, por meio de diversos marcadores gramaticais, léxicos ou pragmáticos:

*Com outros homens, ela só me diz*  
*Que sempre se exibiu*  
*E até fingiu sentir prazer*  
*Mas nunca soube, antes de mim*

*Que o amor vai longe assim  
Não foi você quem quis saber? (Aquela mulher)*

*Tua mulher vai suar  
Pra botar outro malandro  
No teu lugar (Vai trabalhar, vagabundo)*

*Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
Não era o momento dele rebentar  
Já foi nascendo com cara de fome  
E eu não tinha nem nome pra lhe dar  
Como fui levando não sei lhe explicar  
Fui assim levando, ele a me levar (O meu guri)*

*E antes mesmo do galo cantar  
Eu te neguei três vezes  
Cais, ficou tão pequeno o cais  
Te perdi de vista para nunca mais (Embarcação)*

*Se tramas assaltos ou revoluções  
A lei te procura amanhã de manhã  
Com seu faro de dobermam (Hino de Duran)*

→ No modelo VERTICAL, o tempo desce desde a anterioridade para a posterioridade:

*Nem um barco  
Nem um peixe  
Cai a tarde  
Quem sabe meu nome? (A ostra e o vento)*

→ O modelo CIRCULAR OU CÍCLICO produz também um paradoxo no qual o movimento dissolve-se em sua própria repetição, ou na alternância de ações opostas, cuja projeção no tempo desfoca os limites entre partida e chegada, começo e final. Da referência figurada à volta se infere uma ida necessariamente prévia, criando uma ilusão de eternidade, de negação do tempo:

*E cria o moto-contínuo da noite pro dia*

*se for por você (Moto contínuo)*

*E nada como um tempo após um contratempo  
Pro meu coração (Jorge Maravilha)*

*Roda mundo, roda-gigante  
Rodamoinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração (Roda Viva)*

*Dia ímpar tem chocolate, dia par eu vivo de brisa  
Dia útil ele me bate, dia santo ele me alisa (Sem açúcar)*

*E vive a pensar que o mundo está a seus pés  
Mas esqueceu que o mundo tem virada  
Quem é tudo não é nada  
Essa vida é um vai e vêm  
vai e vêm (Lugar de cobra é no chão)*

*Amanhã tudo volta ao normal  
Deixa a festa acabar  
Deixa o barco correr  
Deixa o dia raiar, que hoje eu sou  
Da maneira que você me quer (Noite dos mascarados)*

*Sabe que o menino que passar debaixo do arco-íris  
vira moça, vira  
A menina que cruzar de volta o arco-íris rapidinho  
vira volta a ser rapaz  
A menina que passou no arco era o  
Menino que passou no arco  
E vai virar menina (Imagina)*

*O seu homem foi-se embora  
Prometendo voltar já  
Mas a ondas não têm hora  
De partir ou de voltar (Morena dos olhos d'água)*

### 3.2. O tempo do discurso

→ Ao analisarmos o tratamento conferido ao tempo nas metáforas do Chico Buarque, identificamos as diferentes categorias que, embora compartilham os modelos gerais anteriormente mencionados, apresentam diferentes contornos quando analisadas no discurso. Por um lado, temos um **eu lírico submetido a um tempo cronológico**, numa linha imaginária horizontal que vai do início (nascimento) ao fim (morte), cenário para o desenvolvimento das ações do ego que, mesmo sem poder para controlar o tempo, protagoniza sua existência numa sucessão de êxitos e fracassos.

Quando nasci veio um anjo safado  
O chato do querubim  
*E decretou que eu estava predestinado*  
*A ser errado assim*  
*Já de saída a minha estrada entortou*  
*Mas vou até o fim (Até o fim)*

→ Em segundo lugar, destacamos um **eu lírico consciente do valor do tempo**, capaz de contar horas, gastar com parcimônia, lamentar desperdícios, cobrar com juro o tempo desperdiçado, perder a noção da hora, mencionar horas vagas, dizer que não são horas... Os protagonistas parecem envolvidos numa contínua tentativa de **preservar o tempo possuído**.

*Meu tempo é curto, o tempo dela sobra (...)*  
*Meu dia voa e ela não acorda*  
*Feito avarento, conto os meus minutos*  
*Cada segundo que se esvai*  
*Cuidando dela, que anda noutra mundo*  
*Ela que esbanja suas horas ao vento, aí (Essa pequena)*

Vou

*Uma vez mais*  
*Correr atrás*  
*De todo o meu tempo perdido*  
*Quem sabe, está guardado*  
*Num relógio escondido por quem*  
*Nem avalia o tempo que tem (Um tempo que passou)*

*Quando chegar o momento*  
*Esse meu sofrimento*  
*Vou cobrar com juro, juro (Apesar de você)*

*Ah, se já perdemos a noção da hora*  
*Se juntos já jogamos tudo fora*  
*Me conta agora como hei de partir (Eu te amo)*

*Te perdoo*  
*Por contares minhas horas*  
*Nas minhas demoras por aí (Te perdoo)*

→ Numa terceira categoria encontramos um **eu lírico visionário**, que prevê o futuro, provavelmente por ter acumulado conhecimento e experiências anteriores à sua existência. Nesta perspectiva não há linearidade, existindo inclusive *a curva da vida*, momento em que o ego analisa sua vida inteira. Sem poderes para alterar acontecimentos, delinea o futuro ao qual está fadado, na esperança de que suas experiências possam transcender a existência e servir de legado a gerações vindouras.

*E quando um homem já está de partida,*  
*Da curva da vida ele vê*  
*Que seu caminho não foi um caminho sozinho porque*  
*Sabe que um homem vai fundo e vai fundo e vai fundo*  
*Se for por você (Moto-contínuo)*

Desde menina

Caprichosa e nordestina  
Que eu sabia, a minha sina  
Era no Rio vir morar  
Em Araripe  
Topei como chofer dum jipe  
Que descia pra Sergipe  
Pro Serviço Militar (A violeira)

E quando o nosso tempo passar  
Quando eu não estiver mais aqui  
Lembra-te, minha nega  
Desta cantiga  
Que fiz pra ti (Tua cantiga)

A lei tem caprichos  
O que hoje é banal  
Um dia vai dar no jornal (Hino da repressão)

Sabia  
Que ia acontecer você, um dia  
E claro que já não me valeria nada  
Tudo o que eu sabia  
Um dia (Lola)

#### FUTUROS AMANTES

Não se afobe, não  
Que nada é pra já  
O amor não tem pressa  
Ele pode esperar em silêncio  
Num fundo de armário  
Na posta-restante  
Milênios, milênios no ar  
E quem sabe, então  
O Rio será  
Alguma cidade submersa  
Os escafandristas virão  
Explorar sua casa  
Seu quarto, suas coisas  
Sua alma, desvãos  
Sábios em vão

Tentarão decifrar  
O eco de antigas palavras  
Fragmentos de cartas, poemas  
Mentiras, retratos  
Vestígios de estranha civilização  
Não se afobe, não  
Que nada é pra já  
Amores serão sempre amáveis  
Futuros amantes, quiçá  
Se amarão sem saber  
Com o amor que eu um dia  
Deixei pra você.

→ Contrariando a certeza comum de que tudo passa, e a noção da efemeridade das coisas, dos sentimentos e da própria vida, a canção *Futuros amantes* tem como tema a perenidade do amor. Através da reificação deste sentimento, tal como se fosse um objeto, o **eu lírico** nos mostra que o amor pode ser guardado para um aproveitamento posterior. Essa capacidade de transcendência é garantida pela apresentação do amor como um sentimento que *não tem pressa*, que *pode esperar em silêncio, num fundo de armário*, ou seja, de forma independente, ou sem incomodar, *na posta restante*, que é uma forma de endereçamento postal, usada para localidades em que não há uma distribuição domiciliar da correspondência, onde a correspondência fica na agência dos correios até que o destinatário vá buscar. A capacidade do amor para transcender aos amantes é assinalada ainda na repetição de *milênios*, pois milênios poderão ser somados a milênios, reiterando a ideia de perenidade.

*Ele pode esperar em silêncio  
Num fundo de armário  
Na posta-restante  
Milênios, milênios no ar.*

→ O eu lírico visionário vagueia pelo futuro, com o próprio título, com verbos e suas desinências (*será, serão, virão, tentarão, amarão*):

*E quem sabe, então*  
*O Rio será*  
*(...)*  
*Futuros amantes, quiçá*  
*Se amarão sem saber*  
*Com o amor que eu um dia*  
*Deixei pra você*

→ Embora amenizada pela incerteza (*quem sabe /quiçá*), o futuro delinea minuciosamente imagens do que seriam os vestígios de estranha civilização: a cidade submersa, os escafandristas, a casa, o quarto, as coisas, e até o desvão, espaço entre o forro de uma casa e o telhado, que pode servir para esconder ou guardar durante gerações o que não se pretende que permaneça visível.

→ A exceção de *pode esperar* (garantia da perenidade), todas as referências ao presente são expressas por formas negativas (*não se afobe, não tem pressa, nada é para já*), o que acentua o caráter visionário do eu lírico que *conhece* o futuro. Este papel visionário desempenhado pelo eu lírico é confirmado ainda pela consciência que tem sobre o fracasso na empreitada dos que tentarão no futuro compreender o passado, e da disponibilidade do amor deixado para a posteridade.

*Sábios em vão*  
*Tentarão decifrar*  
*O eco de antigas palavras*  
*Fragments de cartas, poemas*  
*Mentiras, retratos*  
*Vestígios de estranha civilização.*  
*Se amarão sem saber*  
*Com o amor que eu um dia*  
*Deixei pra você.*

→ Na quarta categoria, o tempo é o protagonista indiscutível, o **demiurgo vitorioso**, mais do que um cenário para o desenvolvimento das ações, neste caso é o tempo que age, como supremo escultor das nossas vidas. Como exemplo dessa arquetípica, selecionamos a letra da canção *Tempo e artista* que ilustra o protagonismo do tempo sem precisar de comentários:

Tempo e artista

*Imagino o artista num anfiteatro*  
*Onde o tempo é a grande estrela*  
*Vejo o tempo obrar a sua arte*  
*Tendo o mesmo artista como tela.*

*Modelando o artista ao seu feitio*  
*O tempo, com seu lápis impreciso*  
*Põe-lhe rugas ao redor da boca*  
*Como contrapesos de um sorriso.*  
*Já vestindo a pele do artista*  
*O tempo arrebatá-lhe a garganta*  
*O velho cantor subindo ao palco*  
*Apenas abre a voz, e o tempo canta.*

*Dança o tempo sem cessar, montando*  
*O dorso do exausto bailarino*  
*Trêmulo, o ator recita um drama*  
*Que ainda está por ser escrito.*

*No anfiteatro, sob o céu de estrelas*  
*Um concerto eu imagino*  
*Onde, num relance, o tempo alcance a glória*  
*E o artista, o infinito.*

→ Numa quinta categoria, o eu lírico vence o tempo cronológico, como controlador do tempo, capaz de fazê-lo avançar e retroceder para organizar sua existência e satisfazer suas vontades, negando-se ao ser contrariado pelo calendário, com ações que vão desde *correr contra o tempo*,

descartar dias, rodar horas pra trás e saltar noites, ou rebobinar o século.

Mas se a ciência provar o contrário  
E se o calendário nos contrariar  
Mas se o destino insistir em nos separar  
Danem-se os astros, os autos, os signos, os dogmas  
Os búzios, as bulas, anúncios, tratados, ciganas,  
projetos  
Profetas, sinopses, espelhos, conselhos  
Se dane o evangelho e todos os orixás  
Serás o meu amor, serás, amor, a minha paz (Due-  
to)

Me apagando filmes geniais  
Rebobinando o século (Lola)

→ Um bom exemplo deste **eu lírico controlador do tempo** pode ser encontrado na canção *Valsa brasileira*, apresentada na íntegra no intuito de ilustrar todos os movimentos realizados para “vencer o tempo”:

#### VALSA BRASILEIRA

Vivia a te buscar  
Porque pensando em ti  
Corria contra o tempo  
Eu descartava os dias  
Em que não te vi  
Como de um filme  
A ação que não valeu  
Rodava as horas pra trás  
Roubava um pouquinho  
E ajeitava o meu caminho  
Pra encostar no teu  
  
Subia na montanha  
Não como anda um corpo  
Mas um sentimento  
Eu surpreendia o sol

Antes do sol raiar  
Saltava as noites  
Sem me refazer  
E pela porta de trás  
Da casa vazia  
Eu ingressaria  
E te veria  
Confusa por me ver  
Chegando assim  
Mil dias antes de te conhecer

→ Temos aqui um eu lírico que trava uma verdadeira batalha contra o tempo que ele chama inicialmente de corrida. Nessa corrida *descarta os dias*, como se faz com as cenas de um filme cujo diretor não deseja que façam parte da trama. A comparação com um filme viabiliza o uso de “ação que não valeu” e do verbo *rodar*, para o movimento antihorário que resultará em um tempo que será roubado, para que o protagonista alcance seu intento.

→ Os poderes de que esse **eu lírico** faz uso fazem com que se movimente não *como anda um corpo*, mas como *um sentimento*, além disso, consegue *chegar antes do sol*, e *saltar noites* sem descansar para recuperar-se. Vale a pena destacar o uso do pretérito imperfeito nos verbos (*vivia, corria, descartava, rodava, roubava, ajeitava, subia, surpreendia, saltava*) que além de situar suas ações no passado conferem também o aspecto de continuidade, mesmo sem fazer uso de advérbios de tempo, ou de outros recursos de natureza lexical tais como *antes, enquanto, durante, sempre* ou *depois*. Há apenas dois verbos no futuro do pretérito, *veria e ingressaria*, usados apenas no final, quando o eu lírico venceu o tempo e conseguiu *chegar, mil dias antes de te conhecer*.

→ Essa viagem ao passado até a chegada do protagonista a um passado mais remoto reitera

a ideia do visionário que quer chegar antes porque sabe tudo o que vai acontecer depois, faz-nos lembrar dos viajantes no tempo comuns em filmes de ficção científica. Ou ainda, com *veria e ingressaria* nosso **eu lírico** permite que se trate de um sonho ou que tudo esteja apenas em sua imaginação, subterfúgios linguísticos que continuam possibilitando nossas incursões no futuro.

### Conclusões

→ A comparação entre línguas mostra a existência de pelo menos sete arquetipos espaço-temporais disponíveis no discurso, e até na mesma frase. P.ex., *a semana que vem eu vou comprar um carro*, onde o ego *vai* na cláusula principal, e, por sua vez, o tempo *vem* na cláusula subordinada. Variantes criativas aparecem no discurso: *O tempo vai, o tempo vem / a vida passa e eu sem ninguém* (Odair José)<sup>28</sup>. Os caminhos do tempo em movimento cruzam os do ego que se move pelo tempo nos versos de Lamartine: *o tempo não tem beira / ele mana e nos passamos*<sup>29</sup>. Na fala comum, podem entrar em jogo as preferências inconscientes dos falantes. Alguns psicolinguistas consideram, por exemplo, que, dado que as pessoas recorrem ao espaço, não apenas para *falar* do tempo, mas também para *pensar* nele, as conexões espaço-tempo subjacentes às metáforas seriam “psicologicamente reais” (Feist e Duffy 2020: 7):

procrastinators, extroverts, and people with high temporal flexibility in their lives tended to adopt the Moving Ego perspective, whereas more conscientious individuals, introverts,

and people subject to a set schedule tended to adopt the Moving Time perspective.

→ Porém, na criação literária, os emissores podem intuir a complexidade das transferências espaço-temporais, que se traduz num uso consciente, mais imaginativo, talvez idioleto, desse fenômeno, levando a língua para os seus limites.

→ Nada impede que o MOVING TIME se misture também ao TEMPO SEQUENCIAL: *O amor se deixa surpreender / Em quanto a noite vem nos envolver* (Tom Jobim)<sup>30</sup>. Também o TEMPO CÍCLICO pode se “desautomatizar”: *E sei que não será surpresa / Se o passado me trouxer o futuro de volta* (Zé Ramalho)<sup>31</sup>, imagem que mistura arquetipos contrários. Igualmente, quando, numa descrição do porto de Odessa na hora crepuscular, Isaac Babel escreve que *o dia navegava para a noite*<sup>32</sup> a novidade não está no modelo (MOVING TIME) mas na “reliteralização” do seu movimento no porto que está a se descrever (juntando os dois sentidos de navegar).

...creative metaphors of time can be linguistically identical with conventional metaphors. However, reducing these metaphors to some generic underlying patterns does not fulfill justice to their conceptual complexity while it also blatantly overlooks the rich meanings they may give rise to (Piata 2018: 179).

→ Na poesia do Chico Buarque podemos observar que, além da criação de novas metáforas temporais dentro dos esquemas comuns

28 *Cadê Você ?* (<https://www.cifras.com.br/cifra/odair-jose/cade-voce>) (Acesso 30/12/2020).

29 *Le temps n'a point de rive / il coule et nous passons*. «Le lac», *Méditations Poétiques* (1820), rééd. Paris: Le Livre de Poche, 2006.

30 *Wave* (<https://lyricstranslate.com/es/wave-wave.html-1>) (Acesso 30/12/2020).

31 *Entre a serpente e a estrela* (<https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/69336/>) (Acesso 30/12/2020).

32 *День подплывал к вечеру* (Одесские рассказы 1923, *Contes d'Odessa*. Éd. bilingue, Gallimard-Folio 1999).

da língua (*moving time, tempo possuído, tempo demiurgo, etc.*), aparecem complexas combinações dissonantes de esquemas diversos e contraditórios, onde destaca especialmente um ego que, contando seus minutos *feito avarento*, pode congelar os amores sob o mar para eles renascem no futuro, ou vencer a ação destrutora do tempo demiurgo e *artista*, invertendo o tempo cíclico, *correndo atrás dele* e até *rodando as horas para atrás*, para *saltar as noites* e *surpreender o sol*.

→ Arthur Rimbaud dizia que o poeta é um visionário<sup>33</sup>, mas esse poder não age só no mundo físico e nas ideias, também age na própria língua, cuja rede de associações mentais escapa à consciência dos falantes, especialmente na metáfora. Sem violentar a língua, o poeta consegue descobrir e explorar as suas potencialidades mais ocultas, como afirma Coseriu (1977: 203)<sup>34</sup>.

a linguagem poética representa a plena funcionalidade da linguagem [...] a poesia, a literatura como arte, é o lugar do desenvolvimento, da plenitude funcional da linguagem.

### Referências

- BENDER, A. & BELLER, G. 2014. "Mapping spatial frames of reference onto time: a review of theoretical accounts and empirical findings". *Cognition*, 132: 342–382.
- BOURDIN, G.L. 2014. "En los tiempos de Ñaupa: el cuerpo y la deixis temporal en lenguas originarias de Sudamérica". *Península*, 9/1: 33-58.
- BROWN, P. 2012. "Time and space in Tzeltal: Is the future uphill?" *Frontiers in Psychology*, 3/212.
- BUARQUE DE HOLANDA, Ch. 2018 *Tantas palavras: todas a letras & reportagem de Humberto Werneck*. Lisboa: Penguin / Random House.
- CHEN, Ch. 2014. A Contrastive Study of Time as Space Metaphor in English and Chinese. *Theory and Practice in Language Studies*, 4/1: 129-136.
- CLARK, H. H. 1973. "Space, time, semantics and the child". In: Moore, T. (ed.) *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press: 27-63.
- COSERIU, E. 1977. *El hombre y su lenguaje. Estudios de teoría y metodología lingüística*. Madrid: Gredos.
- DAHL, Ø. 1995. "When the future comes from behind: Malagasy and other time concepts, and some consequences for communication". *International Journal of Intercultural Relations*, 19: 197–209.
- EVANS, V. 2007. "How we conceptualise time: language, meaning and temporal cognition". In: Evans, V.; Bergen, B. and Zinken, J. (eds.). *The Cognitive Linguistics Reader*. London: Equinox: 733- 764.
- FAUCONNIER, G. & TURNER, M. 2008. "Rethinking Metaphor". In: Gibbs, R.W. (ed.), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press: 53-66.

33 Rimbaud, Arthur: «Lettre à Paul Demeny» [1871] *Correspondances*. Paris: Gallimard, 1965.

34 Tradução dos autores.

- FALLER, M. & CUÉLLAR M. 2009. "Metáforas del tiempo en quechua". In: *Actas del IV Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas* (CD-ROM). Lima: Universidad Ricardo Palma.
- FEIST, M. & DUFFY S.E. 2020. "On the path of time: Temporal motion in typological perspective". *Language and Cognition*, 12 (3): 444-467.
- GABY, A. & SWEETSER, E. 2017 "Space-Time Mappings beyond Language". In: Dancygier, B. (ed.) *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge University Press: 635-650.
- GALTON, A. 2011. "Time flies but space doesn't: Limits to the spatialization of time", *Journal of Pragmatics*, 43: 695-703.
- GENTNER, D.; IMAI, M. & BORODITSKY, L. 2002. "As time goes by: Evidence for two systems in processing SPACE > TIME metaphors". *Language and Cognitive Processes*, 17(5), 537-565.
- GIJSSELS, T. & CASASANTO, D. 2017. Conceptualizing time in terms of space: Experimental evidence. In Dancygier, B. (ed.), *Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics* Cambridge: Cambridge University Press: 651-668.
- HASPELMATH, M. (1997). *From Space to Time: Temporal Adverbials in the World's Languages*. München /Newcastle: Lincom Europa.
- JOHNSON, M. 1989 "The conceptual approach to time". In: *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: The University of Chicago Press.
- KLEIN, H.M. 1981 "El futuro precede al pasado. La concepción toba del tiempo". *Maldoror*, 16: 58-62.
- KRANJEC, A. 2006 "Extending Spatial Frames of Reference to Temporal Concepts". In: Sun R. & Miyake, N. (eds.), *Proceedings of the 28<sup>th</sup> Annual Conference of the Cognitive Science Society*: London: Routledge: 447-452.
- KROHN, H.S. 2018 "Manifestaciones de la conceptualización del tiempo como espacio en español". *Filología y Lingüística*, 44 (1): 193-210.
- LAKOFF, G. 1993. "The Contemporary Theory of Metaphor". In: Ortony, A (ed.) *Metaphor and Thought* (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press: 202-251.
- LAKOFF, G. & Johnson, M. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & Johnson, M. 1999. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books.
- LAKOFF, G. & Turner, M. 1989 *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.
- LE GUEN, O. 2017. "Una concepción del tiempo no-lineal en dos lenguas: el maya yucateco colonial y actual y la lengua de señas maya yucateca". *Journal de la Société des Américanistes*. N<sup>o</sup> Hors-série *Tiempos Mayas*.
- LYONS, J. 1977. "Deixis, space and time". *Semantics* 2, 636-724.
- MELLADO BLANCO, C. 2011 "La conceptualización del tiempo a través del espacio en la fraseología española y alemana". In: Sinner,

- C.; Tabares, E. and Montoro, E.T. (eds.) *Tiempo, espacio y relaciones espacio-temporales en la fraseología y la paremiología españolas*. Munich: Peniopo: 34-49.
- MOORE E.K. 2011. "Ego-perspective and field-based frames of reference: Temporal meanings of front in Japanese, Wolof, and Aymara". *Journal of Pragmatics*, 43: 759-776.
- NÚÑEZ, R. E., & SWEETSER, E. 2006. "With the future behind them: Convergent evidence from Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time". *Cognitive Science*, 30(3), 401-450.
- PAMIES, A. 2014 "A metáfora gramatical e as fronteiras (internas e externas) da fraseologia", *Revista de Letras*, 33/1: 51-77.
- PAMIES, A. 2019 «Métaphore grammaticale et géométrie imaginaire du temps en français et en espagnol». *Analele Universității din Craiova* XXIII /1: 62-77.
- PAMIES, A. & WANG, Y. 2020 "The spatial conceptualization of time in Spanish and Chinese" *Yearbook of Phraseology*, 11: 107-138.
- PIATA, A. 2018 *The poetics of Time: Metaphors and Blends in Language and Literature*. Amsterdam: John Benjamins.
- RADDEN, G. 2011. "Spatial time in the West and the East". In: Brdar, M.; et al. (eds.), *Space and Time in Language*, Frankfurt: Peter Lang.
- SCOTT, A. 1989 "The vertical dimension and time in Mandarin". *Australian Journal of Linguistics*, 9: 295-314.
- SHORT W.M. 2016. "Spatial Metaphors of Time in Roman Culture". *Classical World*, 10/3: 381-412.
- SINHA, C. & BERNÁRDEZ, E. 2015. "Metaphors, maps and fusions: space, time and space-time". In: Sharifian F. (ed.) *The Routledge Handbook of Language and Culture*. New York: Routledge: 309-324.
- SWEETSER, E. & GABY, A. 2017. "Linguistic Patterns of Space and Time Vocabulary". In: Dancygier, B. (ed.) *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge University Press: 625-634.
- YU, N. 1998. "The time as space metaphor". In: Yu, N. *The Contemporary Theory of Metaphor: A Perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins.
- YU, N. 2012. "The metaphorical orientation of time in Chinese". *Journal of Pragmatics*, 44, 1335-54.

**Perfil biográfico:** Antonio Pamies-Bertrán é professor catedrático de Linguística Geral na Universidade de Granada (Espanha), pesquisador especialista em linguística contrastiva, especialmente nos campos da fonética e da fraseologia. Autor ou coautor de publicações em vários países, entre as quais "El lenguaje de la lechuza: apuntes para un diccionario intercultural" (2007), *Fraseología y Metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos* (com Eva Iñesta 2002); *El lenguaje de los enfermos* (com Francisca Rodríguez-Simón, 2003), *Trabajos de lexicografía y fraseología multilingües* (com Juan de Dios Luque-Durán, 2000) ou *Linguo-cultural Competence and Phraseological Motivation* (com Dmitrij Dobrovolskij, 2011).

**e-mail:** <antonio.pamies@gmail.com>

**Perfil biográfico:** Rosemeire Selma Monteiro-Plantin é doutora em Linguística e professora Titular do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (Brasil). Desenvolve pesquisas em fraseologia teórica e aplicada e dedica-se ao ensino de Português como língua materna e não materna. É autora de vários trabalhos sobre fraseologia, entre eles o livro *Fraseologia: Era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna*. Fortaleza: UFC, 2012.

**e-mail:** <rosemeire.plantin@gmail.com>